

como políticos, de atitudes assumidas como homens públicos, de temas destacados em suas obras literárias ou sociológicas ou em suas criações artísticas, de iniciativa ou de ações como militares, de arrojos em que se extremaram como revolucionários, de virtudes em que se salientaram como religiosos — com os diferentes tipos sociais e regionais de casa em que nasceram ou se criaram”.

Num dos capítulos de *Oh de Casa!*, que é trecho de ensaio que aparece na íntegra no livro *Alhos & Bugalhos*, sobre Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, ele argutamente observa que: “De Eça não nos esqueçamos de que o melhor e maior dos seus romances é a história de uma casa de portugueses afidalgada: O Ramalhete. A casa é o personagem principal do romance. Os homens passam pelas páginas do livro a que dão o nome, em função da casa dramática que reúne vivos e mortos, homens e paisagens, a terra e o mar”.

O mesmo talvez possa ser dito do sobrado dos Cambarás, no “romanceiro” *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo. De algumas casas dos contos de Edgar Allan Poe; daquela casa povoada de recordações e perdida nas charnecas da Inglaterra, do mais que admirável *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Bronte. De muitas outras casas que aparecem em outros romances, inclusive a velha casa-grande do Santa-Fé, em *Fogo-Morto* — da autoria de José Lins do Rego, que confessou tantas vezes haver recebido forte influência de Gilberto Freyre na sua obra de escritor — uma das obras-primas do romance brasileiro em todos os tempos.

Trata-se, sem dúvida, de um livro, esse *Oh de Casa!*, da maior importância para engenheiros, arquitetos, administradores, psicólogos, urbanistas, cientistas sociais, escritores e leitores que admirem um livro que, sem deixar de ser de ciência, é notavelmente bem escrito. Nele, o autor trata de uma temática que é tão sua, tão presente na sua vastíssima obra de escritor.

MENESES, Cláudia. *A mudança: análise da ideologia de um grupo de migrantes*. Rio de Janeiro, Imago; Brasília, INL, 1976. 135 p.

João Hélio Mendonça
Antropólogo

O trabalho de Cláudia Menezes, *A Mudança*, é mais uma tese do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, publicado em con-

vênio com o Instituto Nacional do Livro e o Ministério de Educação e Cultura. Nele a autora faz conhecer a experiência de um grupo de famílias de migrantes que por problemas da estrutura econômica brasileira deixaram o meio rural e saíram procurando trabalho no meio urbano. Trata-se de uma nova perspectiva nos estudos de migrações, pois aí a autora busca a visão do próprio migrante durante o processo migratório ou a "mudança" como é por eles denominado. A realidade do migrante é de instabilidade e de drama. Sem opção própria e em decorrência das poucas alternativas que lhes são oferecidas, eles se vêem compelidos a deixar seu meio rural de origem, saindo sem destino ou sem direção programada. Ela se estabelece, quase sempre através de certas conversas, informações em feiras, existência de parentes, etc.

"Tangidos pelo destino" como eles mesmo dizem, Cláudia Menezes procura através da abordagem antropológica da aproximação direta e do qualitativo, a experiência do migrante dentro da própria perspectiva deles. A palavra "mudança" indica a transferência do rural para o urbano. Significa a busca de melhoria, a procura e o envolvimento em todo um circuito que engloba a destruição dos bens acumulados, dos laços de relacionamento social, de uma redefinição de identidade etc. A *mudança* é uma decisão dramática. "É um momento de rompimento do continuum temporal que constitui a vida cotidiana dos indivíduos e se apresenta como um momento especialmente difícil, carregado de emoção". Analisando as principais categorias da mudança constatou a autora que se trata de um movimento que não obedece uma regra única e que nem sempre se faz, de uma vez, do contexto rural para o urbano. Os migrantes, freqüentemente, antes de optarem pela mudança, buscam no próprio contexto rural sua melhoria. Basicamente até sua fixação definitiva em outro lugar, há quatro estágios ou modalidades:

- 1 — aqueles que se deslocam da zona rural para a cidade sem mediações
- 2 — o deslocamento com duas a cinco tentativas em média de permanência em diferentes locais rurais (fazendas).
- 3 — o deslocamento da zona rural para a cidade mediado pela permanência em um ou mais centros urbanos (vilas).
- 4 — e o deslocamento para uma vila, em seguida para um centro urbano (cidade) e finalmente para um centro urbano metropolitano (capital do Estado).

O quadro referencial do migrante ou a caracterização do universo rural e urbano pelo próprio migrante é tratado no livro através da concepção de espaço e de ambiente, de homem rural, de homem urbano, de rico, de pobre e de outras

representações. Assim, a "roça" é definida como o lugar onde há plantação. O "sertão", expressa uma realidade semelhante à do interior, porém com mais características de isolamento e de atraso. A "cidade" representa o oposto da "roça" e oferece tudo como a fábrica, a oficina, o trabalho, a vizinhança etc. A autora chega à conclusão que ao nível de representações há uma analogia entre estes dois pares de oposição (rico/pobre e cidade/roça), indicando a forma de classificar a realidade social.

Os migrantes também expressam a sua vivência através da comparação e do significado que dão ao trabalho. O trabalho rural tem uma avaliação negativa. Por outro lado, nas zonas rurais o trabalho tem também uma dimensão lúdica, coletiva e de reforço dos laços de sociabilidade. Por isto, existe todo um capítulo sobre o significado do trabalho. Através de formulações que dizem respeito a sua praxis os migrantes explicam sua situação de carência e compreendem a sua inserção nas camadas socialmente desprivilegiadas. E a essa situação de privação e penúria em que vivem, atribuem a responsabilidade às relações de trabalho no meio rural que os impulsionaram em direção à cidade. Chegando na cidade eles aceitam o seu fracasso. Buscam compreender por que a transferência para a cidade não conseguiu modificar, como eles esperavam, suas condições de existência e interpretam a privação no contexto citadino como decorrência de uma deficiência que não se encontra na realidade social, mas neles próprios. "Tem pobre no mundo porque não podia ser doutro jeito, Deus fez assim pra ter tudo controlado, pra ter essa diferença". Para os migrantes a relação entre ricos e pobres (explorador e explorado), faz parte da ordenação da realidade. Atribuem a uma origem divina a existência do mundo de ricos e dos pobres. Acrescentando no final um apêndice relativo a metodologia utilizada e a pesquisa de campo, que foi realizada na cidade de Anápolis no Estado de Goiás, o fenômeno da migração ou da "mudança" é abordado neste livro ao nível do comportamento do próprio migrante procurando reconhecer e avaliar as ressonâncias dessa experiência, a partir do próprio discurso do migrante.

SHEPARD, Forman. *Camponeses: sua participação no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 340 p.

João Hélio Mendonça
Antropólogo

Desde que a antropologia saiu dos estudos das comunidades tribais pré-letradas deixando em grande parte as pesquisas "holísticas" para concentrar-se